

ENTREPREVISITAS

LA TRAYECTORIA PROFESIONAL DE UNO DE LOS PSICOANALISTAS PIONEROS EN EL PERÚ. ENTREVISTA A MOISÉS LEMLIJ

A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE UM DOS
PSICANALISTAS PIONEIROS NO PERU.
ENTREVISTA COM MOISÉS LEMLIJ

THE PROFESSIONAL TRAJECTORY OF ONE OF THE
PIONEERING PSYCHOANALYSTS IN PERU.
INTERVIEW WITH MOISÉS LEMLIJ

Yenny- Juana L. Lloret de Fernández,
ORCID: 0009-0001-2741-9720
Correo electrónico: yennylloret@gmail.com

Luigui André Diaz Vilca
ORCID: 0009-0002-5461-3390
Correo electrónico: ldiazvilca@gmail.com

Asociación De Psicoterapia Psicoanalítica

Fecha de recepción: 24-02-2026
Fecha de aceptación: 22-04-2026

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Lloret de Fernández Y.J. - Diaz Vilca L.A. (2026) LA TRAYECTORIA PROFESIONAL DE UNO DE
LOS PSICOANALISTAS PIONEROS EN EL PERÚ.
ENTREVISTA A MOISÉS LEMLIJ

Intercambio Psicoanalítico 17 (1),DOI: 10.60139/InterPsic/17.1.16
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE UM DOS PSICANALISTAS PIONEIROS NO PERU.

ENTREVISTA COM MOISÉS LEMLIJ

Yenny- Juana L. Lloret
de Fernández¹

1 Doutora em Psicologia.
Universidad del Salvador
USAL. Buenos Aires- Argentina
Especialização em PTSD-TRAUMA
PSICOLÓGICO. Mestre em Saúde
Mental: Fundamentos das Ciências
Humanas e Sociais aplicados à
Prática Clínica da Universidad de
León – Espanha. Membro Associado
da Associação Psicanalítica
Argentina.
No Peru: Fundadora do Centro de
Atenção psicossocial; da Associação
de Psicoterapia Psicanalítica e do
Instituto Psicanalítico Interdisciplinar.
Atualmente Diretora Acadêmica do
Instituto Psicanalítico Interdisciplinar.
Ela ocupou cargos como Secretária
Científica, Tesoureira e Membro
do Conselho na Federação
Latino-Americana de Associações
de Psicoterapia Psicanalítica e
Psicanálise (FLAPPSIP).
Psicoterapeuta com especialização
em: Saúde Mental, Direitos
Humanos, Gênero e Reabilitação de
Vítimas de Violência; Psicoterapeuta
do Centro de Atendimento
Psicossocial para sobreviventes
de tortura, maus-tratos e violência
sexual; Professora de Psicopatologia
Psicanalítica há 30 anos.

Luigui. André Diaz Vilca²

2 Mestre em Intervenção clínica
psicanalítica pela Pontificia
Universidad Católica del Perú.
Pós-graduado em Fundamentos
e Prática da Clínica Psicanalítica a
partir do pensamento de Donald
Winnicott pela Universidad Diego
Portales, do Chile.
Licenciado em Psicologia Clínica pela
Pontificia Universidade Católica do
Peru.
Membro Associado da ADPP.
Atualmente trabalha como
psicoterapeuta psicanalítico em
consultório particular. Trabalhou
em instituições psicanalíticas como
Centro Vinculare, La Casa de la
Familia e Nuna Psicólogos.

A entrevista a seguir foi realizada durante o Congresso da Flappsip, realizado em Lima, Peru, em outubro de 2025, onde o Dr. Lemlij foi um dos palestrantes convidados.

Moisés Lemlij é doutor em Medicina e psicanalista, diretor do Seminário Interdisciplinar de Estudos Andinos (Sidea). Já foi vice-presidente e tesoureiro da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), assim como presidente da Sociedade Peruana de Psicanálise (SPP), entre outros cargos. Sua Conferência Magna no Congresso intitulou-se Notas de um psicanalista em retirada.

O tom da entrevista foi como um diálogo amigável, no qual foram contadas histórias da vida, experiências, formação e trajetória profissional de Moisés. Tentamos resumir e esperamos transmitir o essencial dessa interessante conversa.

Yenny Lloret: *Esta é uma entrevista para a revista Intercambio Psicoanalítico da FLAPPSIP. O que nos interessa, considerando sua trajetória, é conhecer como você foi construindo e desenvolvendo sua carreira profissional. Sabemos que você se formou inicialmente como médico no Peru e, posteriormente, continuou seus estudos e experiência profissional em Londres.*

Moisés Lemlij.: Em primeiro lugar, me formei em psicologia, estudei junto a Mati Caplanski (Matilde Ureta de Caplanski, primeira mulher formada na SPP) na San Marcos (Universidad Nacional Mayor de San Marcos - UNMSM). Então tenho meu diploma de bacharel em psicologia e, além disso, estudei medicina na UNMSM.

O que é importante? O importante para mim é a própria história. Entrei na universidade na época da ditadura de Odría. Então, era natural que eu me interessasse um pouco por política. Naquela época, por um lado, havia a participação estudantil na luta pela reconquista da democracia no Peru, que acabou acontecendo. Era uma época muito popular na universidade. A universidade, como era de se esperar em governos ditatoriais, era uma instituição absolutamente feudal. Cada cátedra era um feudo em que o professor era o senhor feudal e tinha seus servos, que o serviam.

Então, havia uma visão muito peculiar: por um lado, parecia que éramos estudantes universitários que tínhamos que fazer seus cursos e estudar, por outro lado, nosso objetivo era salvar o mundo e a pátria. Ou seja, era uma atividade da juventude, éramos um grupo de pessoas bastante talentosas. Estavam Mario Chiappe e Alejandro Bazán, a figura de líder era Max Hernández, que primeiro foi presidente da Federação Universitária na San Marcos e, depois, da Federação de Estudantes do Peru.

Um bom grupo de nós que estávamos envolvidos nisso, acabamos entrando na psiquiatria porque, devido ao triunfo na luta universitária, os velhos senhores feudais se foram da faculdade de medicina. Quando Honorio Delgado se foi, quem entrou no seu lugar foi Carlos Alberto Seguín. Essa foi a diferença fundamental, porque se não tivesse sido assim, talvez eu tivesse acabado, sei lá, me imagino como pediatra ou dermatologista ou algo assim, mas Seguín era o chefe do departamento de psiquiatria do Hospital Obrero. Ele tinha se formado nos Estados Unidos, tinha estudado medicina na Argentina porque seu pai havia sido exilado e, depois, nos Estados Unidos, teve uma orientação – digamos - psicodinâmica clínica, que era a psiquiatria da época. Ele trabalhou e fez análise com Flanders Dunbar, que era uma figura eminente da época. Então, Max (Hernández), Mario Chiappe, eu, Saúl Peña e Alberto Péndola começamos a trabalhar em seu consultório. Foi através da psiquiatria de Seguín, que todos nós ingressamos e fomos treinados naquela época da psiquiatria psicodinâmica. Ele era um homem muito inquieto e se interessava pelo que chamava de psiquiatria folclórica, e todos nós trabalhamos nessa área. A mim me mandou a Iquitos a ver as Flores de Ayahuasca, Max foi ao norte, a Piura. Depois veio a segunda geração de médicos que foi com Eduardo Gastelumendi.

Então, o primeiro trabalho sobre Ayahuasca que fizemos com o Max saiu publicado na revista de Sanidade da Policia em 1965. Então, por acaso, o reitor do Instituto de Psiquiatria da Universidad de Londres estava em uma turnê pela América Latina e deu umas conferências e fez um acordo com o Seguín para que alguns dos alunos de psiquiatria daqui pudessem ir para a Inglaterra. Então, Saúl (Peña) foi o primeiro que se foi com (Carlos) Crisanto para trabalhar em Londres no hospital mais famoso da época que era o Maudsley Hospital. Depois de dois anos fomos a Londres Max, Humberto Napurí e eu. Fui o único que fiz todos os exames para medicina; ou seja, sou médico, até hoje, registrado na Inglaterra. Continuei estudando e trabalhando até os anos 80.

Luigui Díaz: *Recentemente tive a oportunidade de assistir a um vídeo de 12 anos atrás, quando fizeram uma entrevista com Max Hernández pelos seus 75 anos. Nele, você contou que, depois de pesquisar sobre a Ayahuasca, partiram para a Inglaterra. Fiquei me perguntando como foram esses primeiros encontros com a psicanálise. Como foram suas primeiras experiências como paciente?*

M. L.: Meu primeiro contato com a psicanálise foi um encontro teórico, mas familiar. Eu era de uma família muito militante de esquerda. Meus pais eram marxistas, leninistas, muito antirreligiosos. Então, conto essa história de que eu tinha um tio que sim era religioso e, se eu fosse à sinagoga e a certas festividades, ele me dava uma boa gorjeta. Então, a gorjeta me fazia ir ao templo, à religião, e por outro lado, na minha casa estava absolutamente proibido. Então, para tirar essas bobagens da minha cabeça, meu pai me deu Totem e Tabu como um "Ei, para com essas bobagens", certo?

Y. Ll.: *Ah, que pai!*

M. L.: Meu pai era antirreligioso e gostava de ler Freud por sua posição antirreligiosa. Para mim Freud era fascinante, lembro que estava no colégio na época. Mas isso também me deixava cético em relação à forma quase religiosa como minha família encarava, digamos, o socialismo e o marxismo. Então, o interesse na psicanálise, em Freud, é abordado de uma perspectiva teórica, se você quiser. E quando começamos a procurar uma clínica psiquiátrica ou psicológica não estava claro o que era psicologia, psicanálise, ninguém sabia nada. E, naquela época, o caminho da psicanálise era a medicina. Na maioria das sociedades psicanalíticas, era necessário ser médicos para poder se formar, exceto na Inglaterra. O caminho, apesar de eu ter cursado psicologia, era a medicina e assim foi. Então, quando eu cheguei a Londres em 1966, Saúl (Peña) já estava em treinamento e Carlos Crisanto também; ele me recomendou que passasse primeiro pela Associação de Psicoterapia de Grupos, que ele tinha terminado. Então fiz um pouco de psicoterapia de grupos que foi muito interessante e comecei minha primeira experiência terapêutica de análise com Robin Skinner.

Me lembro de um primeiro impacto na sessão quando estava falando sobre certas aspirações minhas e Robin me disse: "Ei, amigo, mas o iate do Onassis você não vai ter nunca". Foi uma interpretação brutal. Isso me deixou em choque. Lembro que foi uma experiência muito boa com ele. E tive muitos bons professores, como Heinz Wolf, Gillespie, gente muito boa e acima de tudo Clover, que tinha sido um dos discípulos de Frank. Então pensei comigo mesmo: "Agora é comigo, tenho que formalizar minha formação e entrar no estágio." Houve alguns amigos que tiveram a sensatez - ou a imprudência - de me aceitar no estágio e aquilo era outro mundo. Só aceitavam pessoas entre 25 e 40 anos para o estágio em psicanálise. Se você tivesse mais de 40 anos, não era aceito. Totalmente diferente de agora. Fui entrevistado por Enid Balint. Estava lá e, bem, então eu tinha que escolher um analista. E o único analista que eu entendia alguma coisa do que escrevia era Joseph Sandler. Eu tenho dislexia, então tinha que escolher um analista que eu entendia. Fui até ele, ele me entrevistou e disse: "Olha, o único horário que tenho disponível é às 7 da manhã".

i...!

M. L.: Naquela época, a análise era o que era. Cinco vezes por semana, em cinco dias diferentes, sempre na mesma hora. E outra coisa não era análise. Assim era naquela época. Bom, estamos falando dos anos 60 e 70.

Para me sustentar financeiramente, precisava ter um trabalho mais ou menos bom, por isso tive que fazer um reconhecimento do meu diploma de medicina e comecei a trabalhar no Sistema Nacional de Saúde da Inglaterra. Comecei pela Sociedade Britânica, a qual tem três linhas de formação: os freudianos, os kleinianos e os do grupo intermediário. Eu entrei no grupo freudiano. Fui supervisionado por duas mulheres: Agnes Benedeck, uma húngara e, depois, Nina Coltart, que era a diretora do Instituto de Saúde. Naquela época, havia o movimento feminista com Juliet Mitchell, que mais tarde se tornou minha companheira; havia pessoas muito legais com quem mantenho contato até hoje.

L. D.: *Conta-nos, imagino que seu treinamento era totalmente em inglês. Como foi para você a transição entre as duas línguas? Ou seja, a mudança de ser analisado e tratado lá em inglês e aqui em espanhol.*

M. L.: Naquela época, muitos dos analistas que atuavam na Inglaterra vinham da Áustria ou da Alemanha. Então, trabalhavam em um idioma que não era a língua materna, nem do analista nem do paciente. Era uma terceira língua. Vocês sabem que existem alguns estudos que mencionam que analisar em um idioma que não é o seu facilita os lapsos? Lembro de que, certa vez, fizeram essa pergunta à minha amiga Estela Welldon: Como é que não tem dificuldades com seu sotaque tão forte? Então ela disse, "Você não sabe como é difícil para mim manter meu sotaque. Se eu não tomar cuidado, acabo perdendo-o. Eu quero meu sotaque porque, afinal, onde é que você já viu um analista que fale inglês bem?". Para mim, não vejo como um problema. Agora, não sei se é parte do que me fez voltar (para o Peru). Naquela época, passei por uma tragédia pessoal, a situação estava muito difícil e fiquei sem dinheiro. Então, fiz um acordo com

meu analista, que o pagava um terço do que ele cobrava - naquela época eram 9 libras por hora - eu pagava 3 libras e ficava devendo 6. Tudo foi feito de forma formal, com assinatura; todo mês eu assinava o que devia a ele. Então, quando terminei minha terapia, demorei alguns anos para terminar de pagar, e ele me disse: "Olha, agora é a sua vez de fazer isso." O que eu fiz, e alguns dos meus candidatos que também passavam por dificuldades financeiras fizeram o mesmo, foi combinar que eles pagariam uma parte e, depois de concluir o treinamento, completariam o pagamento. Me parece adequado. No Instituto em Berlim e Viena, cada professor tinha a obrigação de aceitar um paciente candidato gratuitamente. O que eu achava maravilhoso. Esse tipo de coisas era feito naquela época e acredito que poderia ser feito agora também, mas, enfim, as coisas mudaram.

L. D.: *Ao preparar esta entrevista, ficamos pensando: como você sentiu sua própria mudança como psicanalista? Você está nos falando de uma fase inicial e não sei se você sentiu mudanças em você mesmo à medida que ia terminando sua formação, mudou-se e, depois, imagino que se tornou analista didata. Como você se sentiu como analista ao longo desta jornada?*

M. L.: Olha, tem uma coisa que está clara para mim. Não sei se a terapia me mudou ou não, mas o que eu tenho certeza é que ela mudou minha vida. Falei de uma situação complicada, uma crise complicada que eu tive na metade do meu treinamento. Era também uma situação política que envolvia à própria instituição. Foi uma crise institucional e, para mim, foi uma catástrofe. Meu analista claramente me acolheu, me apoiou e, eu diria, salvou minha vida. Agora as coisas mudaram. Quando voltei para o Peru, por exemplo, todos os meus pacientes eram tratados formalmente. E minha regra era que, se eu tratava alguém informalmente, não o aceitava como paciente, mas o encaminhava para outro profissional. Era outro mundo. Por outro lado, depois de alguns anos, você já não trata mais ninguém formalmente. Hoje em dia não faço mais isso, isso mudou completamente. E, por ser mais velho, tenho visto como os parâmetros da psicanálise foram mudando. Eles foram mudando gradualmente.

Y. L.: *Me parece que eles têm se adaptado aos tempos.*

M. L.: Eu não sei se adequando à época o adiantando à época por decisões políticas. Eu disse que tinha um interesse político na universidade, e isso não desapareceu quando entrei para a psicanálise. E, por essas coisas estranhas do destino, Joseph Sanders, meu analista, se torna presidente da IPA. Mas quando eu já estava aqui. Então ele já não era meu analista, mas eu ia sempre à Inglaterra, ia duas ou três vezes por ano e me encontrava com ele. Mas quando ele foi presidente da IPA, foi graças a ele que obtive meu primeiro cargo oficial na IPA: presidir, ao lado dele, de Mary Sanders e de Otto Kernberg, o Congresso Didático Mundial. Naquela época eu não era analista didático, porque aqui no Peru havia um conflito político. Então, a situação era paradoxal, porque, apesar de ter impedido por anos que outros se tornassem didáticos, eu presidia aquele congresso.

L. D.: *A luta dentro da instituição é muito complicada.*

M. L.: Sim, a luta política dentro da instituição é muito complicada. Bem, então, a seguir, no Conselho da IPA, fui primeiro secretário para a América Latina, depois vice-presidente e, por fim, tesoureiro. Assim, já fiz uma carreira na IPA.

Y. LI.: *Tiveram que te nomear como didata. *Risoso**

L. D.: *Eles não tinham outra escolha. *Risoso**

M. L.: O primeiro paciente que me mandaram - eu não estava no comitê de admissão - foi alguém que me mandaram porque não podia pagar o que eles cobravam. Assim que, felizmente, eu seguia a regra que aprendi com meu analista, então eu cobrava muito mais barato. Outra mudança foi a introdução da análise condensada no final dos anos 80. Houve pressão do Brasil, pois eles precisavam fazer certas mudanças políticas.

Y. LI.: *A análise condensada?*

M. L.: Imagina, você vive no Rio, mas os únicos analistas perto moram em São Paulo. Os brasileiros propuseram que uma pessoa viaje no fim de semana e a análise seja realizada 2 vezes no sábado e 3 vezes no domingo.

E todos os seminários para essas pessoas aconteciam nos fins de semana. Isso também acontecia de vez em quando nos Estados Unidos. Então, isso começou a acontecer e, claramente, não foi uma decisão discutida sobre se é conveniente o não, nem sobre os resultados. A decisão era política e, uma vez aprovada, justificava-se teoricamente. Você inventa uma teoria ad hoc para a decisão política. Foi isso que aconteceu.

L. D.: *Bem, o que você diz vai ao encontro do que você comentou quando afirmou que as mudanças na psicanálise não ocorreram apenas por uma questão de adaptação à época, mas também por decisões políticas.*

M. L.: A adaptação é como uma armadilha política. Para mim, a experiência de ter passado 12 anos no Conselho da Sociedade Psicanalítica Internacional e no Comitê Executivo foi uma experiência inestimável. Existe a teoria psicanalítica, mas também a experiência de política institucional e, em termos institucionais, as instituições psicanalíticas são instituições como qualquer time de futebol. Que discutem sobre quem vai ocupar este ou aquele cargo. Para onde eu vou? Cada um faz seu trabalho psicanalítico, disso não tenho dúvida. Mas, em termos institucionais, não existe uma teoria psicanalítica que forneça um marco para o funcionamento institucional. São como qualquer outra instituição. Por exemplo, temos Jesus, certo? como o Salvador e nós temos também nossos pontífices e temos nosso Jesus, que é Freud, e seus seguidores, os sumos sacerdotes. Então, vocês usam isso, certo? Para justificar sua estrutura política, mas o que é fundamental é que se vai avançando, as coisas vão mudando, como disse Y. LI., de acordo com as épocas. Agora, conforme combinado, existem novos acordos como a análise condensada, depois a mudança para 4 sessões por semana. No Japão, a análise é uma vez por semana. Então, o que é a psicanálise? Quantas vezes por semana você precisa?

“Faça sua sessão de 5 minutos e pronto”. Então, bem, expulsaram Lacan da Associação de Psicanalistas.

L. D.: *Sabe? Há algum tempo venho pensando em duas coisas. Primeiro, uma coisa que me parece muito interessante é a mudança do formal, quando você fazia a derivação. Sinto que isso nos mostra certas mudanças no seu estilo de trabalho com a técnica.*

M. L.: Mas não é que eu seja o único; era assim mesmo.

L. D.: *Claro. Agora, isso é uma coisa, mas você também disse algo que me pareceu muito potente que é: “Não sei se a psicanálise me mudou, mas salvou a minha vida”, que me pareceu muito marcante. Porque é uma demonstração clara de que, assim como a você, provavelmente para muitas pessoas também essa experiência íntima e afetiva com o analista é o que as sustenta. Muito profundo.*

M. L.: Quer dizer, isso faz com que eu acredite nesse tipo de análise. Eu acredito que, se tivessem me visto por zoom, eu teria morrido. Não era de jeito nenhum a mesma coisa. Não é? A relação de estar cara a cara.

Y. LI.: *Eu acho que o corpo é uma linguagem.*

M. L.: Sim, mas agora em muitas partes do mundo você está realizando sessões educativas via Zoom. Entende? Por exemplo, eu somente atendo pacientes antigos. Eu não tenho pacientes novos. Muita gente está se envolvendo romanticamente. O mundo de hoje é outro. Eu não pertenço mais a esse mundo. O mundo muda.

Y. LI.: *Sim, mas às vezes também há pacientes que, o melhor é o Zoom...*

M. L.: É melhor do que nada.

Y. LI.: *É melhor do que nada, era o que eu ia dizer a você.*

M. L.: Tudo bem, mas para alguns é suficiente, para outros não é. Agora, vou te dizer uma coisa. Eu também, há alguns anos, quando ainda trabalhava mais ou menos em tempo integral, atendia pacientes pelo Zoom ou fazia supervisões pelo Zoom. É parte de uma realidade que a tecnologia te oferece. Vou te dar um exemplo. Tenho uma amiga cuja família era dona de uma fábrica de máquinas de escrever. Era uma família muito poderosa. E, de repente, surge o computador e de um dia para o outro tudo acabou. Acabou tudo, tudo mudou. Era exatamente assim. Assisti um filme sobre Blackberries, vendiam milhões e milhões. Aí surgiu o smartphone e tudo acabou. Então, eu me sinto como dono, vamos dizer assim, da fábrica que fabricava as correias para carruagens. De repente, surgem os carros. O que faço com isso? Como vendo isso? O que eu sei? Então, é assim que me sinto; não estou dizendo que isso não serve mais, o que estou dizendo é que eu já não sirvo mais para isso. Então, claro, eu posso dar essa palestra sobre como eram feitas as correias dos carros puxados por cavalos; haverá quem se interesse, mas certamente muito poucos. Então, o que acontece agora? Eu tenho 87 anos, ainda estou vivo por enquanto. Então, o que alguém pode aprender de alguém como eu? O que eu sei que ainda pode ser útil? Este é o meu dilema. Eu era um excelente clínico, acho que recebi uma educação privilegiada que poucos

receberam. Tive professores maravilhosos. Eu era um bom professor de psicopatologia. Claro, mas hoje em dia, quem diabos se interessa por psicopatologia? Eu poderia dizer: “Ei, olha, vamos fazer uma aula de história da psicopatologia.”. A psicopatologia contemporânea ou muitos aspectos dela não diz absolutamente nada para mim. Agora, nem toda mudança é para melhor, não é mesmo? Psicanálise duas vezes por semana?

L. D.: *Ou seja, eu diria que quando uma pessoa passa pela análise de alta frequência, em vez de duas ou uma vez por semana, as defesas baixam bastante. A frequência oferece essa possibilidade de se mostrar mais vulnerável.*

M. L.: Eu lembro da discussão quando tinha que decidir se a análise condensada seria aceita para o treinamento. Claro, uma discussão muito grande, gigantesca e sabe de uma coisa? Ela já estava acontecendo quando a discussão começou. Aquilo já estava em prática na Sociedade Brasileira.

Y. L.: *Para encerrar, existe uma coisa que você fez muito durante todo este tempo. Desde “El umbral del milenio”, que foi uma coisa magnífica. Toda a quantidade de livros que você foi sacando nesses últimos anos. Isso está relacionado com essa fase de que você está falando: de deixar o trabalho clínico para se dedicar à transmissão do conhecimento.*

M. L.: Sim. É o que chamo minha etapa pós-clínica. Trabalhei na clínica por alguns anos antes da pandemia, mas a pandemia agravou isso. Nessa época, já tínhamos trabalhado com (Luis) Millones (historiador e antropólogo peruano) o primeiro livro que foi “Alucinógenos y Chamaneería”. E eu já tinha escrito várias coisas com Max (Hernández); a grande inspiradora era María Rostworowski (historiadora peruana). Então, ela nos dava o material, tínhamos reuniões todos os sábados, ficávamos todo o dia reunidos com Alberto (Péndola), Max (Hernández) e (Luis) Millones. Escrevemos livros que tiveram, alguns, muito sucesso, outros nem tanto. O interessante é que essas coisas que escrevemos desde o início dos anos 80 com María acabaram influenciando na história do Peru. Atualmente, estou escrevendo um livro com Luis Millones que é sobre o diabo e o inferno chegaram da Europa à América. Acho que está interessante.

L. D.: *Só mais uma pergunta: Você começou a se apresentar como um psicanalista em aposentadoria? E agora que estamos ouvindo você, essa apresentação está ficando um pouco mais clara. Até me comoveu a história da máquina de escrever e como você em algum momento disse, “Bem, eu era útil para isso. Talvez pudesse, agora talvez não, não me sinto capaz.” Mas eu pensava um pouco no que você inspira. Como você inspira, como, aos 87 anos, você segue promovendo o conhecimento e atividades em grupo como COWAP! Entendo que você faz isso porque lhe dá prazer, inclusive acadêmico, nesse sentido, você é um psicanalista aposentado, mas que está muito ativo, inclusive divulgando o conhecimento psicanalítico.*

M. L.: Porque esse é o exemplo que eu recebi das pessoas que me ensinaram, dos meus mestres. Estar pronto para lutar. No entanto, nos últimos tempos, e aqui a questão é controversa, recebi o que, para mim, foi um golpe terrível e uma sensação de traição. Descobrir algo antissemita dentro das instituições psicanalíticas. Procuro me distanciar disso, aqui na SPP (Sociedade Peruana de Psicanálise) e em outros lugares. Então, eu separo a psicanálise e, como já te disse, uma coisa é o pensamento psicanalítico e o que você faz no seu consultório e, outra, as instituições, que são como qualquer outra. Existem lutas internas, lutas pelo poder, pelos interesses particulares.

Y. Ll.: *Apesar dos desafios e mudanças ao longo do tempo, fica claro que a paixão pelo conhecimento e o desejo de compartilhá-lo permanecem. Obrigado, Moisés, pela sua generosidade, pelo seu exemplo e pela inspiração que você nos deixa. Levamos conosco a importância de seguir aprendendo e de mantermos fiéis aos nossos valores, independentemente das circunstâncias. Com esta conversa, celebramos o seu legado e a força dessa transmissão que continua viva a cada encontro.*

L. D.: *Muito obrigado, Moisés, foi um prazer ouvi-lo e é um prazer ver sua relevância e rigor dentro do campo psicanalítico. Você é uma inspiração.*